

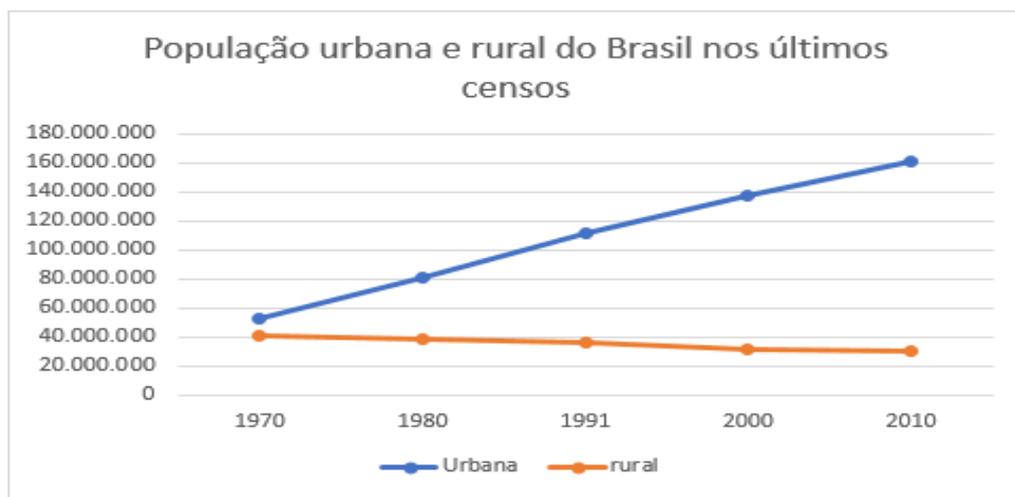
Os impactos da segregação socioespacial de Campinas sobre a população negra

Lucas da Silva Isidorio
Universidade Estadual de Campinas
lucasdasilva154@gmail.com

Introdução

A urbanização vem crescendo fortemente no Brasil, como visto nos últimos censos demográficos onde o aumento da população urbana é notável enquanto a população rural tende a decair ao longo dos anos, como mostrado no gráfico 1.

Gráfico 1 - População rural e urbana no Brasil após 1970



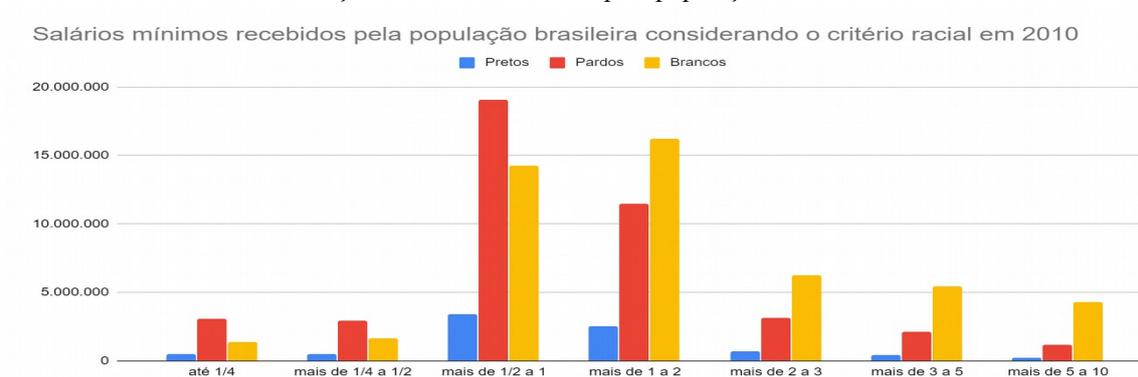
Fonte: Elaborado pelo autor com os dados disponibilizados pelo IBGE dos últimos 5 censos até o momento

Outro processo que surge junto com a urbanização é o de metropolização, que consiste no surgimento de grandes cidades que estabelecem forte relação econômica e social com as cidades vizinhas, formando assim uma grande rede de fluxos, sendo característica das regiões metropolitanas (RMs) sempre ter uma cidade-sede (Gottschalg, 2012). O desenvolvimento das metrópoles atrai a economia nacional, sendo que as 15 maiores metrópoles do Brasil concentram pelo menos metade do PIB do país, como mostra o censo de 2010 feito pelo IBGE. Com a concentração da forte economia na metrópole, os centros e bairros próximos começam a ser afetados por essa nova dinâmica, sendo que a especulação imobiliária fará com que os preços das casas aumentem consideravelmente assim como os produtos e serviços, que também terão seus custos aumentados, gerando um custo de vida mais alto nessas áreas, fazendo com que as pessoas mais pobres se afastassem dos centros e busquem moradia nas periferias da cidade, sendo esse processo conhecido como gentrificação (PASCHOAL, 2017). A segregação socioespacial afastará do centro as pessoas de classes mais baixas, e por consequência enviá-las para áreas

periféricas com menos estruturas e qualidade de vida (Gottschalg, 2012). Uma cidade metrópole do Estado de São Paulo que passa por situação semelhante é Campinas, cidade-sede da Região Metropolitana de Campinas (RMC), que contém grande segregação socioespacial, porém derivada dessa segregação surge também uma forte segregação racial nos diferentes espaços da cidade (Ghirello, 2018).

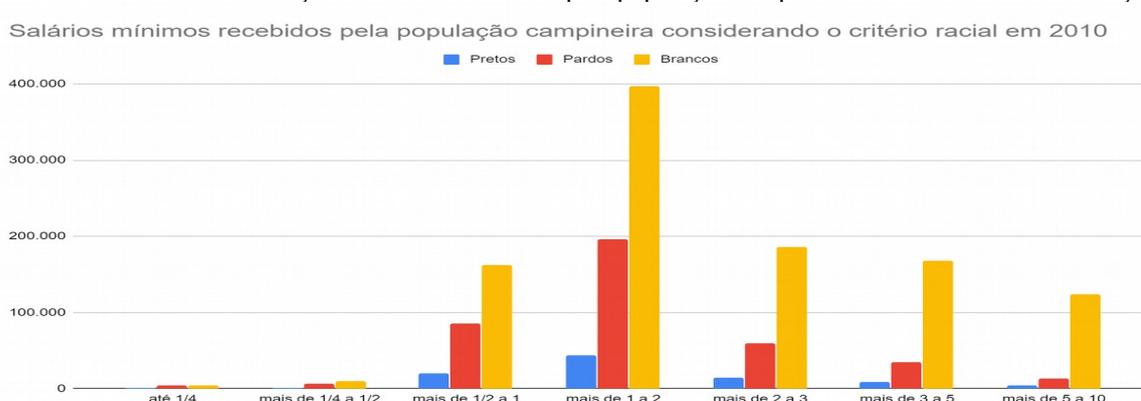
Quando se analisa os dados do censo demográfico de 2010 referentes ao Brasil, se pode perceber a grande desigualdade racial que existe na distribuição de renda em salários-mínimos, como mostra o gráfico 2. Quando se analisa os mesmos dados para cidade de Campinas pode-se observar o quanto essa desigualdade é ainda mais evidente, onde em diversas categorias de divisão de renda a soma de pessoas pretas e pardas sequer passa a de pessoas brancas, como mostrado no gráfico 3.

Gráfico 2 - Distribuição de salários-mínimos pela população brasileira baseada no critério de raça



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados disponibilizados pelo IBGE no censo de 2010

Gráfico 3 - Distribuição de salários-mínimos pela população campineira baseada no critério de raça



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados disponibilizados pelo IBGE no censo de 2010

A forte desigualdade racial de Campinas é nítida ao se analisar as diferenças econômicas entre os grupos de pessoas negras e brancas, porém a forma de organização do espaço urbano pode intensificar ainda mais esta estrutura racista, pois apesar do processo

de segregação socioespacial ocorrer quando não se há um planejamento urbano adequado e afastar as pessoas mais pobres do centro, a população negra, que foi vítima do processo de escravidão, pode acabar sendo ainda mais prejudicada pela segregação socioespacial devido à forte estrutura racista que ainda persiste no Brasil.

Objetivos

O presente trabalho busca investigar sobre como a segregação socioespacial ocorrida em Campinas afetou a população negra em relação a fatores de qualidade de vida, como acesso à educação, saúde, saneamento básico e outros serviços públicos, referentes ao espaço em que vivem, como transporte, lazer e planejamento urbano dos bairros periféricos.

Metodologias

A metodologia usada na pesquisa consiste em estudar o processo de segregação socioespacial em Campinas a partir de autores que tratam os temas, fazendo uma análise focada nos processos que afastam as pessoas dos grandes centros das cidades e que as deslocam até as periferias, focalizando também em como esse processo afeta as pessoas negras no espaço urbano, pensando na diferenciação da qualidade de vida nos diferentes espaços da cidade.

Serão feitas análises das estatísticas sobre a população e a cidade de Campinas usando os dados coletados no último censo até o momento (2010) a fim de verificar a diferença da qualidade de vida dos diferentes grupos raciais em diferentes localidades, se baseando em indicadores como acesso à educação, saneamento básico, lazer, transporte público, etc.

Resultados

A população de Campinas apresentou uma forte segregação baseada no critério racial nos espaços da cidade. Como se pode observar na imagem 1 grande parte da população do centro é composta por pessoas brancas, enquanto nos bairros periféricos estão as pessoas pretas e pardas.



Imagem 1 - Segregação racial em Campinas
Fonte: site jornal Nexo

Vale ressaltar que o censo de 2010 registra na cidade de Campinas uma população de pessoas brancas muito maior que a população negra, porém mesmo com essa diferença a localização de residência desses dois grupos está muito longe de ser democrática, visto que diferentes bairros abrigam diferentes tipos de pessoas. Ao analisar o indicador social referente a educação podemos perceber como não apenas o critério de espaço e tamanho da população tem influência, mas também a diferença racial se faz presente e nesse caso de forma destacada. O bairro da cidade-universitária, que se encontra próximo às duas maiores universidades de Campinas, em 2010 apresentou uma população de 8858 pessoas brancas em contrapartida ao número de pessoas negras, que era apenas de 654, mostrando o quão desigual se apresenta o espaço que abrange boa parte do ensino superior da cidade de Campinas, o que reflete diretamente na parte da população que está inserida na universidade.

De acordo com Ghirello, os projetos de melhoramento urbano de Campinas que ocorram após 1929 dificilmente tinham como objetivo investir em locais muito longe do centro, não diferentes eram os projetos de saneamento básico que seguiam a mesma lógica, fazendo com que as populações do centro fossem automaticamente beneficiadas e tivessem melhoramento em sua qualidade de vida enquanto que as populações periféricas se mantinham estagnadas. (Ghirello, 2018).

Uma das mudanças urbanas que mais afetou a questão racial em Campinas foi a perseguição aos cortiços. Baseado em argumentos higienistas, o fim quase que de todos os cortiços de Campinas tornou mais grave a situação de segregação do espaço, fazendo com que os trabalhadores mais pobres fossem imediatamente removidos dos centros (Camargo, 2008). Contudo, o perfil da maior parte dos moradores dos cortiços era de pessoas negras e alguns imigrantes europeus, sendo assim um ambiente mais próximo dos costumes afro-brasileiro, e sua dissolução fez com que muitas pessoas negras tivessem que ir para as periferias, gerando assim uma desigualdade do espaço não apenas baseada em classe, mas também em raça (Ghirello, 2018). De acordo com Ghirello (2018, p. 135), sobre os cortiços: “Sua perseguição, portanto, não representou apenas uma negação à insalubridade como se declarava durante as intervenções relacionadas aos surtos de febre amarela, mas também à uma forma de habitação não europeia”.

Quando se refere ao lazer das pessoas na cidade de Campinas, novamente a diferença racial é notada quando ainda no século XX atividades culturais como festas e cinemas, ou até mesmo barbearias, ou não atendiam pessoas negras ou o faziam, mas em horário diferente das pessoas brancas. Isso gerou uma necessidade das pessoas negras de criarem seus próprios eventos para seu próprio povo, essa resposta a sociedade racista mostra o quanto a segregação do espaço se estendeu, onde até atividades de lazer foram segregadas (Motta-Maués, 2009).

Diante do exposto, percebe que o processo de segregação socioespacial de Campinas afetou diversas pessoas pobres ao longo da história da urbanização da cidade, porém o impacto sobre a população negra se mostra diferente quando se enxerga também uma segregação do espaço baseada em critérios de cor e raça, que torna a população negra a mais periférica de Campinas e assim dificultando seu acesso à educação, lazer, segurança e por consequência a melhores possibilidades de empregos e qualidade de vida.

Referências bibliográficas

CAMARGO, Camila Moreno de. habitação coletiva popular na área central de Campinas (1980-2007): formas, usos e conflitos. **Oculum Ensaios**, Campinas, n. 78, p. 90-103, 2008.

GHIRELLO, Bárbara Campidelli. **negros e brancos: identidade e território em campinas (1888-1956)**. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Centro de Ciências Exatas, Ambientais e Tecnológicas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2018.

GOTTSCHALG, Maria de Fátima S. **Segregação Sócio-Espacial Urbana e Intervenção Estatal: Uma abordagem geográfico-social**. Documento especial cress-mg, Belo Horizonte, abril. 2012.

PASCHOAL, Matheus Giovanni Luchi. **Gentrificação: Causas, transformações e particularidades latino-americanas**. Monografia (Economia) - Instituto de economia, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2017.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. **Negros em bailes de negros: sociabilidade e ideologia racial no “meio negro” em Campinas (1950/1960)**. Artigo – Instituto de filosofia e ciências humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2009.